

# **ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID**

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,  
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

# A DIALÉCTICA DO SENTIMENTO EM AARÃO DE LACERDA E O SENTIDO NOOLÓGICO DA BELEZA EM XAVIER ZUBIRI

José Carlos Pereira

(Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa)

## 1. Aarão de Lacerda: a Dialéctica do Sentimento

Para Aarão de Lacerda (1890-1947) a estética constitui-se uma dialéctica do sentimento, e parte dos pressupostos do criacionismo de Leonardo Coimbra, autor que muito influenciou o seu pensamento, sendo por intermédio da linguagem simbólica que a arte traz à compreensão a vivência sensível das consciências finitas, e impede a substancialização da própria arte em termos de vida e de significado.

Segundo Aarão de Lacerda, Hamlet sucede a Prometeu, e é justamente pelo facto da arte re-actualizar a vida através do seu poder de re-presentação, e da sua intrínseca feição emocional, que re-põe, através de formas sempre renovadas, o fundo ontológico sobre o qual se desenvolve o drama da vida, evitando, desse modo, o vício *cousista* que impede o seu progresso dialéctico; só a arte que “eterniza” é condição de memória, constituindo-se condição da objectivação da realidade e da existência social do universo. Sob influência do magistério leonardino, Aarão de Lacerda concebe uma gradação ascensional do sentimento, verdadeiro objecto da arte, desde a sua tonalidade mais simples até à emoção religiosa, na qual atinge o seu estado mais elevado; é neste sentido que concebe a arte como processo dialéctico, a partir do qual é impulsionada a referida gradação ascensional, não se confundindo com a sua materialização na obra, pois que a arte é essencialmente impulso e movimento ressorcivo. Simultaneamente, a arte apresenta-se como o *speculum majus*, um compêndio onde se reflectem as obras maiores de cada país<sup>1</sup>.

Para Aarão de Lacerda, a arte reside antes e depois da sua revelação em obra, superando a *venustas* e a *euritmia*, e demais valores artísticos, já que

---

<sup>1</sup> A. de Lacerda, *História da Arte em Portugal*, Vol. I, Portucalense Editora, Porto, 1942, p. 11. Cf. também Leonel Ribeiro dos Santos, “Aarão de Lacerda: Aristocracia da Arte, ‘Arte Popular’ e Simbólica”, *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos (1850-1950)*, Vol. I, Universidade Católica Portuguesa/ INCM, Lisboa, 2002, pp. 344-348.

estes existem na medida em que promanam da fonte que os alimenta, e pressupõe uma relação íntima com a vida, e com os sentimentos maiores (a paixão, a dor e a nevrose), que a criação artística deverá necessariamente encarnar<sup>2</sup>, aqui radicando a crítica de Lacerda ao academismo e à sua falta de expressão vivida. A relação íntima da arte com a vida deverá ser não apenas autêntica, mas plena, e a actividade artística deverá re-integrar a tradição expressa nos velhos edifícios, nos fragmentos da escultura antiga, enfim, nos vestígios materializados dos vários momentos da dialéctica das formas, aí se constituindo o elemento de ligação temporal, e simbólica, entre a arte do passado e a arte do presente, já que o trânsito evolutivo, do natural para o sobrenatural, é contínuo.

É neste sentido que Lacerda justifica, e legitima, a interdisciplinaridade das artes e das ciências da arte, com lugar especial para a arqueologia, já que esta aproxima o artista do culto dos símbolos, aproximando-o, simultaneamente, do fundo que permanece sob as diversas aparências formais que cada tempo lhe concede (*Ibid.*, p. 8). Enquanto obra materializada, a arte surge como a expressão de uma experiência que a antecede, experiência essa que, na sua pureza maior, é de carácter religioso, atingindo o seu acume na experiência mística. Para o especulativo português, a arte brota da sua intrínseca relação com a vida, sendo que a arte, por via da experiência estética, redime a sensação de incompletude, de imperfeição, e de carência da vida humana. A “carência,” ou a “privação,” implica no pensamento de Lacerda a noção de homem e de mundo como projectos a realizar, seguindo, também, a proposta criacionista de Leonardo Coimbra.

Influenciado pela visão romântica, o discípulo de Joaquim de Vasconcelos defende que é o elemento poético — dimanado do drama da existência —, que, aliado à música, poderá constituir uma fase nova do contínuo processo artístico. Lacerda, que foi musicólogo e professor de história da música e acústica no Conservatório de Música do Porto, estabelece, para o efeito, uma comparação entre Wagner e Monteverdi, vendo no primeiro o cultor de uma estética simbólica, destacando, em alternativa à ópera italiana, a utilização de “alegorias metafísicas” nos seus dramas musicais. Lacerda vê nos dramas wagnerianos uma ascensão estética gradativa em direcção a uma beleza que se eleva muito para além deles, enquanto obra de arte, nos quais os aspectos simbólicos traduzem uma direcção “super-humana”.

Neste contexto, é crível também que o próprio drama musical de Wagner constitua mais um momento da dialéctica da arte, tal como Lacerda a conce-

---

<sup>2</sup> A. de Lacerda, *Lucernas*, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1922, pp. 8-9.

be, dando seguimento, como afirma o especulativo português, a essa “onda mística do Levante”, a qual iniciara o movimento transcendente, em que o hieratismo e a solenidade do Graal, actualizado na liturgia, foi transmutado em visão astral do próprio céu através do Parsifal. O autor de *O Templo das Siglas* reitera que o simbolismo de Parsifal, enquanto exemplo maior do drama religioso, confirma a expressão mística, a expressão do infinito, como momento superior da referida dialéctica<sup>3</sup>.

Sob a influência evolucionista, o especulativo português confirma que se existe uma evolução das formas estéticas, há, contudo, um fundo estável e permanente, cuja expressão, sempre renovada, explora o misterioso fundo da alma humana, na qual as dimensões psicológica e inconsciente constituem apenas uma das faces da poliédrica realidade, que encontra no símbolo, e nas correspondentes acções exegética e compreensiva, uma das suas mais fecundas tradições. Secundando a doutrinação leonardina, Lacerda confirma a perscrutação e a vivência do absoluto pela cultura grega, ainda que, ao contrário da cultura cristã, nela se não distinguiu claramente a sua realidade transcendente, ou seja, o curso do transnatural ao natural, e vice-versa<sup>4</sup>. É neste contexto, também, que deve ser entendido o próprio mito de Dioniso, na sua versão pagã, como a antecipação da dimensão humana e divinizada de Deus dentro do cristianismo.

Aarão de Lacerda defende ainda que é na arte popular que os artistas deverão buscar a renovação das suas obras, sobretudo pelo espírito que nela se encerra, propondo-se doutrinar esteticamente as novas gerações, sobre as quais pendiam os ecos do modernismo, adivinhando-se já a *arte das multidões* (sublinhado do autor), que via espelhada na pintura futurista e cubista, assim como no *jazz-band*, a expressão artística que considerava “revolucionária”, por oposição à “arte evolucionária”, sendo que os dois caminhos, independentemente dos resultados, são sinal da dialéctica que caracteriza o processo artístico.

Apesar de reconhecer no cubismo, e no geometrismo em geral, uma fase temporal da arte, ainda assim Lacerda recusa a sua excessiva racionalização, pois a beleza excede a mera conformidade com a razão, acabando por se abastardar e entrar em decadência, quando se racionaliza ou normativiza, como aconteceu com a tragédia de Eurípedes, segundo o juízo de Nietzsche.

---

<sup>3</sup> A. de Lacerda, *História da Arte em Portugal*, vol. I, op. cit., p. 175.

<sup>4</sup> A. de Lacerda, *Lucernas*, op. cit., p. 39.

che, cuja obra filosófica Lacerda meditou<sup>5</sup>. Para o autor de *Lucernas*, a arte procura tornar visível o invisível, pois que a carência do primeiro só pelo símbolo é superada, constituindo a obra artística factor de inteligibilidade, mas sobretudo de compreensão amorosa do próprio mistério da vida. Para Aarão de Lacerda, é também a dimensão misteriosa da pessoa humana, na sua dupla relação horizontal e vertical, isto é, na sua relação com o outro e com Deus, que, ao modo leonardino, permite que a obra de arte, enquanto fenómeno, torne visível a sua origem, já que, enquanto re-criação, faz ver e actualiza a potência criadora.

## **2. Xavier Zubiri: O Realismo Intrínseco e o Sentido “Noológico” da Beleza**

Se a estética de Aarão de Lacerda implica uma noção de realidade que resulta da articulação dos dados intuitivos e dos conceitos, originando sínteses sempre renovadas, dentro de uma dialéctica ascensional do conhecimento, a estética “noológica” de Xavier Zubiri (1898-1983), sob influência da fenomenologia, concilia diversas influências filosóficas (Aristóteles, S. Tomás, Kant, Husserl, Heidegger, entre outros), parte de uma noção de realidade em que as coisas do mundo são condição formal do conhecimento; o ser humano é um “ser-no-mundo” e um “ser-aberto-às-coisas-do-mundo”, aqui se fundando a concepção de filosofia primeira como saber intramundano, o mesmo e o único que possibilita o saber transmundano, não coincidindo rigorosamente com o “ideo-realismo” leonardino, e com a estética simbólica de Lacerda desenvolvida sob o influxo daquele sistema, mesmo se, no limite, a dimensão criacionista de “um mundo a fazer” não se opõe ao inteccionismo zubiriano. Para o filósofo basco, a co-existência das coisas e do homem faz deste um ser essencialmente aberto a essas mesmas coisas, entre as quais vive, apresentando-se a metafísica para o filósofo como o conhecimento formal da realidade no momento em que é actualizada, ou seja, “ratificada” no acto da sua impressiva apreensão.

A existência é co-existência, é imersão na realidade exteriorizada das coisas reais, distinguindo Zubiri os vários níveis da realidade e os correspondentes níveis de verdade, a saber, a real, a lógica e a ontológica. A verdade (real) é constituída pela própria realidade da coisa, aquela que se constitui condição, em si mesma, para que haja verdade na inteligência, ou seja, a coisa alberga

---

<sup>5</sup> A. de Lacerda, “O Mito Trágico: Díonysos”, *Díonysos, Revista Mensal de Filosofia, Ciência e Arte*, Série II, nº 3, Abril, Porto, 1913, p. 72.

uma dupla condição de realidade, a saber, a realidade própria, e a realidade actualizada, que se “ratifica” quando a coisa se apresenta à inteligência<sup>6</sup>. Como sublinha o filósofo, é a dupla condição de realidade da coisa que faz com que haja verdade na inteligência, admitindo que sem inteligência não há verdade, sendo que o acto formal da intelecção mais não é que uma “actualização” da coisa na inteligência (*Ibid.*, pp. 112-113). Este “prius” da realidade da coisa, que possibilita a verdade real, distingue-a da verdade lógica, que é uma verdade do conhecimento, mas também da verdade ontológica, que é uma conformidade da coisa e do seu conceito, o que levou Diego Gracia a considerar o realismo de Zubiri como um “reísmo”<sup>7</sup>.

Por outro lado, se o *noûs* configura para Heidegger a compreensão do ser, e para Husserl configura a *noesis*, para o autor de *Sobre a Realidade*, o *noûs* é impressão apreensiva da realidade, sendo que é neste processo que se actualiza a sua “realidade” formal (o “de suyo” das coisas, segundo a categoria do filósofo basco), e se manifesta a dimensão noológica da sua filosofia.

Neste sentido, a intelecção apresenta-se como uma modulação da realidade, a partir, justamente, dessa dimensão do real enquanto “prius” (que não se confunde, também, com o “em si” das coisas); a intelecção não é uma ideia, conceptualização, intenção ou revelação, aqui se confirmando, uma vez mais, a filosofia de Zubiri como uma verdadeira “noologia”, visto que, ao superar, simultaneamente, a ideia de síntese, supera as mais importantes teorias da tradição filosófica ocidental, já que o que propõe é a análise do acto próprio da intelecção da realidade, fundado numa dimensão noérgica como apreensão impressiva das coisas, a qual é anterior rigorosamente à constituição do sujeito e do objecto. Entender e sentir são, simultaneamente, um acto único, pois que no acto de intelecção está presente o sentimento, e no processo de impressão sensível está já presente a inteligência, sendo que o homem, na sua própria expressão, é constituído por uma “inteligência sentiente”<sup>8</sup>.

A partir da substantividade de todo o real, princípio basilar da sua filosofia, Zubiri redefine o próprio conceito de sentimento, reconduzindo a sua filosofia a um “intelecçãoismo”, e não a um intelectualismo, pois que é o acto de

---

<sup>6</sup> X. Zubiri, *Sobre la Esencia* (Nueva Edición), Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2008, p. 117.

<sup>7</sup> Diego Gracia, “El Enfoque Zubiriano de la Estética”, José Luis L. Aranguren et alii, *Ética y Estética en Xavier Zubiri*, Editorial Trotta/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 1996, p. 85.

<sup>8</sup> Xavier Zubiri, *Inteligencia Sentiente. Volumen I, Inteligencia y Realidad*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2011, p. 12 (Prologo).

intelecção que acomoda “sentientemente” o real. Como acto de apreensão, a intelecção comporta, por conseguinte, dois momentos: o sentimento e a vontade, que se afectam reciprocamente, embora a “apreensão sentiente”, enquanto impressão do real, condicione todo o processo. Deste modo, o sentimento é, em si mesmo, um modo de apreensão da realidade directamente condicionado pela “impressão” dessa mesma realidade.

No contexto do pensamento de Zubiri não é possível encontrar uma teoria do belo ou mesmo da arte, e o próprio filósofo afirma que a beleza pode não constituir verdadeiramente o objecto da arte, interessando-lhe questionar filosoficamente o valor da beleza, e aquilo que faz com que as coisas sejam belas<sup>9</sup>. A beleza (*pulchrum*), à semelhança da verdade (*verum*) e da bondade (*bonum*), é uma dimensão da realidade, constituindo estes três transcendentais a estrutura metafísica da realidade (*Ibid.*, p. 364). Como afirma, interessa investigar, num primeiro momento, a natureza do sentimento estético, e, num segundo momento, a relação ou relações do sentimento estético com a realidade, redefinindo, num terceiro, o seu próprio conceito (*Ibid.*, p. 326). Seja o belo o resultado do resplendor da ideia (como em Plotino ou em Hegel) ou do resplendor da verdade (Agostinho ou Heidegger), ambos implicam para Zubiri um sentimento, seja entendido de modo ideal, ou maioritariamente emocional, como aconteceu a partir do século XVIII.

Se o *pulchum* é a essência do sentimento estético, na apreensão da realidade, o sentimento comporta três modos, a saber, o sentimento primordial da realidade, o sentimento dual do logos, e o sentimento dual da razão, o que corresponde no pensamento de Zubiri à trilogia formal da apreensão da realidade. No primeiro nível de apreensão, o sentimento inteleciona a coisa na sua “substantividade”, no “*de suyo*”, que corresponde a *ousía* na terminologia de Zubiri, e é condição de possibilidade para os seguintes níveis, já que a substantividade da realidade é um sistema gradativo que ascende do intramundano para o transmundano; no segundo nível, o logos actualiza a realidade na formalidade da própria intelecção, ou seja, actualiza a realidade na inteligência, ao passo que a razão actualiza os conteúdos da inteligência na realidade. Se anteriormente ao curso que ministrou sobre estética, e que conduziu à redacção das *Reflexões Filosóficas sobre o Estético*, a fruição constituía uma nota formal da vontade (volição), a partir de 1975, a fruição, na sua dupla tonalidade de gosto e desgosto, passa a ser o elemento constitutivo do sentimento. Esta precisão conceptual não trai o essencial da acção

---

<sup>9</sup> Xavier Zubiri, *Sobre el Sentimiento y la Volicion*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 1993, p. 323.

intelleccional da realidade, pois que mantém a unidade de todo o sentir nos seus três momentos, a saber, “suscitação”, “modificação tónica” e “resposta”, mas assume, doravante, o “estado sentimental” (sublinhado nosso) como “atemperamento” à realidade, isto é, o modo como a própria realidade se apresenta ao sentimento (*Ibid.*, p. 342), ou, dito de outra maneira, o processo como a própria realidade integra “sentimentalmente” o sentimento, e cuja condição formal é a própria fruição, ultrapassando a formulação anterior do seu pensamento, em que a fruição era condição formal do acto de vontade (volição), que se apresentava como amor frutivo (*Ibid.*, p. 152).

É, de facto, no “atemperamento” à realidade que Zubiri concebe a própria subjectividade do sentimento estético, presente na apreensão primordial de toda a realidade, e não apenas em certos fenómenos naturais ou artísticos, como defendem os propositores da estética moderna, a partir de Baumgarten, de E. Burke e, sobretudo, de Kant.

Para Zubiri, o processo estético de apreensão da realidade inicia-se com a apreensão sensível, ou seja, é no próprio consentimento da realidade, isto é, no próprio “haver” das coisas<sup>10</sup>, aquando da sua “ratificação” pela inteligência sentiente, que reside a essência do sentimento estético<sup>11</sup>; conseqüentemente, é na apreensão primordial, enquanto condição transcendental de apreensão de toda a realidade, que a beleza deixará de ser um sentimento estético do sujeito, ou um dentre vários sentimentos — muito menos uma qualidade da obra de arte —, e se constitui fruição transcendental da realidade, ou seja, o sentimento estético é condição formal de apreensão das coisas, e é esta formalidade que constitui a essência da beleza, que está presente em todo o sentimento. Simultaneamente, e no âmbito do reiismo zubiriano, a apreensão transcendental da beleza mantém a dimensão temporal, e, nessa medida, material, condição primeira da própria existência da beleza e das coisas belas (*Ibid.*, 376). Se a conformidade formal da inteligência à realidade deverá chamar-se “verdade”, a conformidade formal do sentimento — sentimento que está presente na apreensão primordial de toda a realidade —, deverá chamar-se “beleza”, apresentando-se, por conseguinte, a beleza como o resplendor da realidade.

---

<sup>10</sup> Xavier Zubiri, *Naturaleza Historia Dios*, Madrid, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2007, p. 47.

<sup>11</sup> Xavier Zubiri, *Sobre el Sentimiento y la Volicion*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 1993, pp. 344-347.

## Conclusão

A dialéctica ascensional do sentimento estético, proposta por Aarão de Lacerda, assenta em permanentes sínteses, que articulam os dados intuitivos e os conceitos, e mantém uma significativa afinidade com a concepção zubiriana do sentimento como um estado (e não uma tendência; *Ibid.*, p. 331) de acomodação formal (“atemperamento”) à realidade, a par da intelecção e da vontade (volição). Se Lacerda procede a uma fenomenologia dos símbolos, que na obra de arte assumem uma expressão maior, é ainda o sentimento, como elemento fundamental da experiência estética, que constitui o núcleo nocional da sua proposta. Por outro lado, a realidade implica para os dois especulativos uma gradação que permite ao ser humano transitar, em profundidade, para estados cada mais mais complexos dessa mesma realidade, buscando o acordo entre a realidade externa e a realidade interna do sujeito, ambos recusando a substancialização da realidade, seja por via da dialéctica, em Lacerda, ou por via do “intelecționismo sentiente” proposto por Zubiri. A coincidência absoluta entre a realidade externa e a realidade interna constituiria a presença da realidade plena, a qual é atributo de Deus, a realidade das realidades, que uma certa “carência” do real sempre manifesta, e que não é plenamente suprida seja pelo símbolo seja pelo “atemperamento” estético à realidade, o que implica o trânsito necessário do humano para o transhumano. Aqui radica também o carácter enigmático da própria realidade, que supera a sua tradução e apreensão simbólicas e sentimentais, respectivamente.

Se para o pensador português a “actualização” da vida se opera através do sentimento, que a arte desperta na experiência estética, também para Zubiri é a feição tonificante do sentimento, presente na apreensão primordial de toda a realidade, que permite que esta manifeste no ser humano a presença da sua dimensão eminentemente estética. O carácter apriorístico do sentimento em ambos os autores implica uma dimensão exegética do real e traz à compreensão o ser, repondo a experiência estética com a verdadeira experiência do mundo, isto é, a experiência na qual a integridade e a integralidade do homem se podem actualizar no contacto com a realidade, já que a beleza supera a mera conformidade com uma razão intelectualista e instrumental.

## Bibliografía

- AAVV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos (1850-1950)*, Universidade Católica Portuguesa/ INCM, Lisboa, 2002 (III vols.)
- Aranguren, José Luis L. et alii, *Ética y Estética en Xavier Zubiri*, Editorial Trotta/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 1996.
- Gracia, Diego, *El Poder de lo Real: Leyendo a Zubiri*, Fundación Zubiri/ Triacastela, Madrid, 2017.
- Lacerda, A. de, *História da Arte em Portugal*, vol. I, Portucalense Editora, Porto, 1942.
- Lacerda, A. de, *O Fenómeno Religioso e a Simbólica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1998.
- Lacerda, A. de, *Lucernas*, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1922.
- Zubiri, Xavier, *Sobre el Sentimiento y la Volición*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 1993.
- Zubiri, Xavier, *Sobre la Esencia* (Nueva Edición), Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2008.
- Zubiri, Xavier, *Inteligencia Sentiente. Volumen I, Inteligencia y Realidad*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2011.
- Zubiri, Xavier, *Inteligencia Y Razón*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2008.
- Zubiri, Xavier, *Inteligencia y Logos*, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2008.
- Zubiri, Xavier, *Naturaleza Historia Dios*, Madrid, Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, Madrid, 2007.